



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Registro: 2025.0000299907

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Apelação Criminal nº 1502593-94.2022.8.26.0344, da Comarca de Marília, em que é apelante JHONATHAN GABRIEL BARBOSA GOMES, é apelado MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO.

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da 2ª Câmara de Direito Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: **DERAM PARCIAL PROVIMENTO ao recurso interposto por Jhonathan Gabriel Barbosa Gomes exclusivamente a fim de reduzir o período mínimo de internação para 02 (dois) anos, mantendo-se, no mais, a r. sentença. V.U.**, de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores ALEX ZILENOVSKI (Presidente sem voto), LAERTE MARRONE E FRANCISCO ORLANDO.

São Paulo, 27 de março de 2025.

LUIZ FERNANDO VAGGIONE

Relator(a)

Assinatura Eletrônica

Voto nº 22.957

Apelação nº 1502593-94.2022.8.26.0344

Comarca: Marília

Apelante: Jhonathan Gabriel Barbosa Gomes

Apelado: Ministério Público do Estado de São Paulo

Apelação. Homicídio qualificado tentado. Prova. Materialidade e autoria comprovadas. Absolvição imprópria. Imposição de medida de segurança consistente em internação, pelo prazo mínimo de três anos. Redução do período mínimo para dois anos, considerando a expressa recomendação contida no laudo de exame psiquiátrico. Medida de segurança em regime de internação amparada na gravidade concreta do caso (tentativa de homicídio duplamente qualificada) e na recomendação do exame psiquiátrico. Recurso parcialmente provido.

Vistos.

Ao relatório da r. sentença de fls. 905/937, que passa a integrar a presente decisão, acrescenta-se que **Jhonathan Gabriel Barbosa Gomes** foi absolvido impropriamente da imputação ao artigo **121 § 2º, incisos II e IV, c.c. artigo 14, inciso II, ambos do Código Penal**, com fundamento no artigo 386, inciso VI, do Código de Processo Penal, tendo sido aplicada medida de segurança, na forma do artigo 96, inciso I e artigo 97, ambos do Código Penal, consistente em internação em hospital de custódia e tratamento psiquiátrico, pelo prazo mínimo de **03 (três)** anos.

Inconformado, o réu apelou buscando a absolvição por atipicidade da conduta. Subsidiariamente, pleiteou a aplicação de

tratamento ambulatorial (fls. 974/980).

Contra-arrazoadado o apelo (fls. 984/989) e oferecido o r. parecer pela douta Procuradoria Geral de Justiça (fls. 1.003/1.008), manifestou-se o Ministério Público, em ambas as instâncias, pelo não provimento do recurso.

É o relatório.

Presentes os pressupostos de admissibilidade, conheço do recurso interposto.

Não tendo sido aventadas quaisquer preliminares, passa-se à análise do mérito.

Segundo a denúncia:

“Consta do incluso inquérito policial que, no dia 14 de junho de 2022, por volta das 00:45h, na Avenida Sampaio Vidal, defronte ao nº 496, no Distrito de Padre Nóbrega, nesta cidade e comarca de Marília, **JHONATHAN GABRIEL BARBOSA GOMES**, qualificado a fls. 05/06, 09/12 e 18/20, impelido por motivo fútil e com emprego de recurso que dificultou a defesa da vítima, **tentou matar Alexandre Kiyoshi Kato**, causando-lhe os ferimentos constatados no laudo do exame de corpo de delito de fls. 40 e no laudo complementar a ser ulteriormente juntado aos autos, não consumando o intento homicida por circunstâncias alheias a sua vontade.”

A materialidade do crime descrito na denúncia foi comprovada pelo boletim de ocorrência (fls. 03/04), auto de exibição e apreensão (fl.

07), laudos de exames de corpo de delito da vítima (fls. 39/40 e 228/229), laudo pericial do local dos fatos (fls. 41/65), laudo pericial de objeto (fls. 74/81), croqui dos ferimentos suportados pela vítima (fls. 579/580) e pela prova oral colhida.

A autoria também é inconteste.

A prova foi assim considerada na r. sentença:

“A vítima Alexandre Kiyoshi Kato, em Juízo, disse que todas as segundas feiras, participava de um grupo de amigos na residência de Leandro, onde faziam churrasco e jogavam baralho. Em uma segunda feira como todas as outros, ao ir embora, foi surpreendido pelo JHONATHAN, que estava na calçada com um machado, e só se defendeu dos golpes que foram deferidos. Já teve um relacionamento com a mãe de JHONATHAN, há 10 (dez) anos atrás. JHONATHAN não participava deste grupo de amigos, e nunca frequentou a residência. Antes de sair pelo portão, observou que havia um amigo, o "Edinho" conversando com uma pessoa, a qual estava de costas e de capuz. Questionou o que estava acontecendo, seu amigo só disse seu nome e o rapaz de capuz virou, saiu tentando desferir golpes de machado contra ele. Tentou correr para dentro da casa de Leandro, mas levou um golpe do machado, e ao continuar correndo acabou caindo devido ao golpe, ainda falam que o rapaz desferiu mais golpes. Quando viu que estava desferindo golpes tentando o matar, conseguiu pegar o machado, e o réu começou a desferir golpes com a mão, quando o pessoal do baralho veio correndo, o acusado fugiu. Estava bem próximo do réu, o que

separava eles era apenas o portão, mas já havia aberto o portão para ir embora, viu que estava tendo uma conversa, e quando perguntou o que estava acontecendo, o acusado já começou a desferir os golpes para cima dele. No primeiro momento, não tinha identificado o JHONATHAN, apenas depois que caiu no chão viu que era ele. Enquanto ele desferia os golpes, falava "é eu avisei que iria matar você". Já tinha sofrido uma ameaça de JHONATHAN antes do ocorrido, mas não fez boletim de ocorrência, pois não acreditava na ameaça. De machado, levou um golpe no pescoço perto da jugular, e dois golpes na cabeça, e após ter pego o machado, as agressões foram através de socos em seu rosto. O primeiro golpe que o acusado desferiu pegou em seu pescoço. Chegou por volta das 21h na casa do Leandro, estava se sentindo febril, e tomou um remédio dado pelo dono da casa, acredita que era resfenol. Até ser ameaçada por JHONATHAN, quase não tinham contado. Devido sua atual esposa e sua ex-esposa, a mãe do JHONATHAN, terem uma desavença entre elas, acredita que isso tenha desencadeado os fatos. Na ameaça, JHONATHAN não fez referência a este entrevero. No dia dos fatos JHONATHAN não falou do porquê, de ter adotado o comportamento. Ao pegar o machado, acabou cortando a mão e rompendo o tendão do dedo, precisando passar por cirurgia, e faz fisioterapia para recuperar os movimentos de dois dedos. Como a lesão foi muito extensa, o fisioterapeuta disse que provavelmente não irá recuperar 100% a mobilidade deles. Foram duas internações, ficando num total de 5 dias. Seu filho Leonardo tem 10 anos atualmente. Conviveu com a Mirian, mãe de seu filho Leonardo e de JHONATHAN, num período aproximadamente de 03 (três) anos. Quando Leonardo nasceu, já estavam separado. Pouco antes do nascimento de seu filho,

tiveram uma discussão, sem agressão física, que gerou a separação. Na ocasião um armário na cozinha foi quebrado, nervoso, ao puxar a porta do armário acabou este caindo na cozinha. Não sabe precisar a data da discussão, mas foi bem próximo a data de nascimento de seu filho. Após a discussão, foi ele quem saiu da residência. Participa do clube de tiro de Guaimbe/SP. Faz 03 (três) anos que tirou o CR, mas não anda armado, inclusive no dia estava desarmado, e só usa a arma para uso desportivo. Apesar de fazer parte do clube a mais o menos 03 (três) anos, faz 01 (um) ano que suas armas chegaram. No ano de 2012, quando convivia com a Miriam, não tinha arma. Tinha munições de um revólver 32, que pertencia a seu avô já falecido. Indagado sobre o boletim de ocorrência lavrado no dia dos fatos da discussão com sua ex-esposa, afirmou que as munições deflagradas e intactas, e o coldre não o pertencia, mas estava em sua posse, na casa em que vivia com a Miriam e JHONATHAN. Por ter puxado o armário da cozinha, as coisas que estavam em cima do armário, acabaram sendo quebradas, fatos estes ocorridos há mais de 10 (dez) anos atrás. Próximo a agressão não teve nenhum desentendimento com Miriam, nem com JHONATHAN, o que havia era um desentendimento com sua atual esposa com a mãe de JHONATHAN, não intervinha nas discussões, apenas aconselhava sua esposa. Na ocasião foi buscar seu filho Leonardo, e quem estava esperando na porta era sua ex-esposa, para não gerar nenhum confronto com sua atual, pediu para seu filho ir na casa de sua sogra, ao abrir o portão, Miriam e JHONATHAN estava juntamente com seu filho Leonardo, a qual a mãe de JHONATHAN falava que sua esposa estava xingando ela por telefone, e era para ela falar na frente dela. Se relacionou com Miriam por volta de 03 (três) anos, e quando morou

com ela, JHONATHAN morou junto a eles. Nesse período houve outras discussões em que o JHONATHAN presenciava, porém discussões normais de casais, com divergência de ideias, nunca com agressões físicas. Quando morava junto com JHONATHAN, este não fazia nenhum tipo de tratamento, era uma criança normal, chegou a frequentar o pequeno cidadão, e por diversas vezes ajudou ele em tarefas escolares. A regulamentação de guarda e pensão alimentícia de Leonardo foi acordada judicialmente. Depois da tentativa de homicídio, veio ocorrer a discussão à pensão alimentícia do Leonardo. Tinha uma relação tranquila com a Miriam e com JHONATHAN, fazia uns 03 (três) anos que não via o mesmo pessoalmente, e da ultima vez que o encontrou chamou para conversar, presenteou com um relógio, e disse que gostava muito dele. No dia aos fatos não presenciou nenhuma discussão entre a Miriam e sua atual esposa. Não sabe precisar o período, mas havia uma divergência entre sua esposa e a mãe de JHONATHAN. Tentava evitar discussões. A guarda de Leonardo era acordado de quinzenalmente, mas por ter um bom relacionamento com sua ex-esposa, sempre que ela precisava buscava seu filho. Sempre ia a residência de Miriam buscar e levar Leonardo. Em nenhum momento houve discussão sua com a Miriam. Há 10 (dez) anos atrás bebia socialmente, mas acerca de 03 (três) anos não faz o uso de bebida alcoólica. Depois do acontecido não teve nenhuma discussão com a Miriam. (Link de acesso ao depoimento https://tjsp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EQydkFE9VQ9Hp-eQCMej_MgB3RxRXMwpYHHbDeOEzOBy_A?nav=eyJyZWZlcjJlbnRlbnQ9Zm8iOnsicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcml2ZUZvckJlc2luZXNzIi)

wicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZS
I6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0
&e=DbObRC)”

“A testemunha de acusação Agivan Vítor da Silva, investigador policial, em Juízo, relatou que durante as diligências para apurar os fatos e testemunhas, o JHONATHAN se apresentou espontaneamente na DIG, a qual não ajudou muito a compreender o fato ocorrido. O acusado disse que por ser portador de esquizofrenia e fazer uso de remédios controlados, não se recordava de nada do ocorrido, só se recordava do momento em que se viu em cima da vítima Alexandre, com várias pessoas ao entorno, e quando saiu correndo, sendo encontrado só dois dias após, pelos familiares. A mãe do JHONATHAN, quando ouvida em solo policial, confirmou que ele era portador da doença. Ouvido a vítima Alexandre, o qual tem um filho em comum com a mãe de JHONATHAN, disse que não tinha conhecimento que JHONATHAN sofria da doença, mas que o filho já havia comentado que o JHONATHAN estaria fazendo algum tratamento psicológico ou psiquiátrico. Alexandre na DIG, disse que estava em um churrasco, e quando saiu dessa casa, bem depois das 23h, teria visto o JHONATHAN conversando com uma pessoa, na calçada defronte a casa em que estava, e quando chegou na calçada, JHONATHAN teria o olhado e ido para cima dele, com um machado na mão, e começou a desferir diversos golpes, e fazer ofensas. Depois que Alexandre se desvencilhou e conseguiu pegar o machado, o JHONATHAN continuou a agressão com socos, e nesse momento várias testemunhas tentaram apartar a briga, e o JHONATHAN teria saído correndo para lugar incerto. As

testemunhas foram ouvidas na DIG, mas pessoalmente não conversou com elas. Teve condição de ler o depoimento das testemunhas, e todos disseram que ajudaram a sessar as agressões, ajudando a tirar o machado da mão do JHONATHAN, quando de repente ele se viu cercado pelas pessoas, e saiu correndo. Quando ouviram o JHONATHAN, ele relatou que por volta da 20h ao passar pela via, teria visto Alexandre subindo a camiseta e mostrando uma arma de fogo para ele. Não foi localizado nenhuma arma de fogo, e nenhuma testemunha a mais que colaborasse para essa versão. Tudo que a vítima disse foi reduzida a termo perante autoridade policial. Não se recorda se Alexandre teria se desvencilhado do machado, se o machado teria escapado da mão do JHONATHAN, ou se o machado havia sido retirado com ajuda de testemunhas. (Link de acesso ao depoimento [“A testemunha de acusação Ederson Guerra Braga, em Juízo, relatou que estava em um churrasco na casa do Leandro, e ao sair da residência por volta das 22:45h, viu uma pessoa parada do lado de um carro. JHONATHAN se identificou, foi lá o cumprimentou e conversou com ele. Perguntou o que JHONATHAN estava fazendo lá, e este disse que estava "dando um tempo lá". Ia em direção de seu carro e viu*](https://tjsp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EQFGHQS7UWtEj60xAD4epu0B9PPs8ebWj65PcCFeXlnVWA?nav=eyJyZWZlcjJhbnEluZm8iOncicmVmZXJyYWxBcHAiOiJPbmVEcmI2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcjJhbnFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=mazsMm) ”</i></p></div><div data-bbox=)*

Alexandre saindo da residência e se despediu dizendo "falou Japa", então logo já viu a confusão, e tentou separar. Conhece JHONATHAN desde criança. Em razão do frio, JHONATHAN estava com uma toca na cabeça, mas não tampava o rosto. No momento em que conversou com ele, não portava nenhuma arma. Permaneceu por cerca de 03 (três) minutos conversando com JHONATHAN, e nesse meio tempo Alexandre saiu também. Não havia mais ninguém de frente a casa. Escutou JHONATHAN dizer "é você mesmo" e Alexandre gritar, ao olhar para trás viu JHONATHAN com um objeto na mão, tentando acertar Alexandre, e então, voltou para tentar separar. Só nesse momento viu o JHONATHAN com algum objeto na mão, a qual só foi identificar que era um machado depois do acontecido. Observou que Alexandre estava ferido depois que cessada a agressão. JHONATHAN não dizia nada enquanto agredia Alexandre. Alexandre conseguiu segurar o machado, pois na hora que separada a briga, ele estava segurando o objeto. JHONATHAN foi retirado pelas pessoas, e saiu do local sem dizer nada. Auxiliou no socorro de Alexandre ao leva-lo na Santa casa, assim não teve contato com JHONATHAN depois dos fatos. Ao conversar com JHONATHAN este estava normal, tranquilo. Alexandre não ingeriu bebida alcoólica, apenas coca-cola. Não escutou JHONATHAN tentando iniciar uma conversa com Alexandre, só ouviu falar "é você mesmo". Não sabe se Alexandre utiliza arma de fogo, sabe que ele participa do clube de tiro, mas nunca o viu com arma. JHONATHAN é seu colega, cresceram juntos. Nunca conversou com JHONATHAN sobre possível violência com a mãe. JHONATHAN não é tido como uma pessoa agressiva. O pai biológico de JHONATHAN lhe disse que ele fazia tratamento psicológico, mas não sabe se continuou com o

tratamento. Não sabe da convivência e participação de Alexandre na vida de JHONATHAN. (Link de acesso ao depoimento [“A testemunha de acusação Leandro Ribeiro da Silva, em Juízo informou que conhece Alexandre e JHONATHAN, presenciando os fatos. Alexandre estava em churrasco em sua casa, quando levantou e foi embora. Não passado muito tempo, escutou as pancadas na porta, e ao verificar viu Alexandre caído no fundo da casa da sua mãe. Presenciou um indivíduo com blusa de frio e toca ninja em cima do Alexandre, desferindo vários socos e depois viu este sair correndo, até então não sabia que era o JHONATHAN. Só viu o objeto depois que correu atrás do acusado, onde Alexandre estava todo cortado e saiu com o machado lá fora. JHONATHAN não dizia nada, quando foi embora ele só saiu correndo sem dizer nada. Posteriormente Edson que estava lá fora, disse que foi o JHONATHAN. A toca usada pelo réu cobria todo o rosto. Todo mundo que estava dentro do churrasco saiu junto a ele. Quando chegou, avistou JHONATHAN em cima de Alexandre desferindo socos, e assim que chegou JHONATHAN levantou e saiu correndo. Depois que JHONATHAN foi embora, Alexandre saiu com o machado para o lado de fora. Não sabe a onde estava o machado, o Edson e o "Zé" falam que esse machado estava com*](https://tjsp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EdpJfMNNKRpJuhSlJrLUk4EBxabwuFSSKXdZaEa4YmsfBQ?nav=eyJyZWZlcnJhbEluZm8iOmsicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcml2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=hmRtOg)”)”</i></p></div><div data-bbox=)*

JHONATHAN lá fora. Viu JHONATHAN nascer, sempre o cumprimentando na rua, sendo gente boa e bem educado. Tem conhecimento de quando Alexandre foi padrasto de JHONATHAN, mas não sabe se existia alguma situação mal resolvida entre os dois, nem se Alexandre tinha alguma discussão com a Miriam, pois é problema de família. Os meninos falavam que JHONATHAN tomava remédio para a cabeça. Não sabe se Alexandre gosta de clube de tiro e armas de fogo. Não tem conhecimento se antes da separação entre Alexandre e Miriam, houve alguma discussão que envolvesse a polícia. Esclareceu que quando chegou perto da briga, o JHONATHAN saiu correndo, não chegou a triscar nele. A briga começou lá fora, e Alexandre caiu para dentro da residência. Até o momento que estavam brigando lá fora, ninguém sabia o que estava acontecendo, o único que viu a briga lá fora foi o Edson, pois tinha ido embora em pouco antes e estava lá fora conversando com o JHONATHAN. (Link de acesso ao depoimento [“A testemunha de acusação Raphael Ribeiro da Silva Lopes, em Juízo, disse que conhece a vítima e o acusado. Estudou com a mãe de JHONATHAN, e Alexandre frequenta o churrasco que fazem toda segunda feira. Viu eles "embolados" dentro do quintal de sua avó, até*](https://tjsp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EYrsZu9kVb5NqdkoVKnm4d4B6Ef4dwxp2dySO2Vd-sM2kw?nav=eyJyZWZlcnJhbEluZm8iOncicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcmI2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=f0b0Vi) ”</i></p></div><div data-bbox=)*



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

então não sabia que era o JHONATHAN, quem falou que foi o JHONATHAN foi o Alexandre quando foi socorrer ele. Quando chegou na residência por volta das 20:30h não viu o JHONATHAN nas intermediações da residência. Viu JHONATHAN esmurrando Alexandre. Não identificou o objeto na hora da agressão, apenas depois que estava na mão do Alexandre viu que era um machado. Alexandre estava ferido, o mesmo pediu para que o socorre-se. Não viu se JHONATHAN estava ferido, pois até chegar ao Alexandre, o acusado já havia corrido. Todos que estavam presente no churrasco visualizaram a briga, e socorreu Alexandre junto de Wagner. Seu tio Leando, ajudou a tirar o JHONATHAN de cima de Alexandre, que saiu correndo sem dizer nada. Não conversou com JHONATHAN. Conhece Miriam, mãe de JHONATHAN desde criança, tem o conhecimento que ela chegou a viver com Alexandre, e que JHONATHAN nesse período era pequeno. Miriam nunca comentou dificuldades em relação de Alexandre com o JHONATHAN. Não sabe se houve entreveio entre Alexandre e Miriam. Conhece Alexandre por jogar baralho, não tendo amizade próxima, então não tem conhecimento se ele era frequentador de clube de tiro. Não sabe de nenhuma discussão antecedente ao fato entre os envolvidos. Sempre conversou com JHONATHAN, sendo um menino respeitador, com tratamento normal. (Link de acesso ao depoimento

“A testemunha de acusação José Carlos de Souza, em Juízo, informou ser amigos de ambos os envolvidos. Estava presente em um churrasco, onde Alexandre também estava presente, indo embora por volta das 22h. O acusado não frequenta o churrasco, mas no dia ao ir embora, viu JHONATHAN defronta a residência, vestido de preto e com uma touca, do lado de sua moto, o cumprimentou e foi embora. Frequenta o churrasco toda segunda feira, e JHONATHAN não ficava lá na frente às segundas feiras. No dia, conversou o básico com JHONATHAN, perguntou se ele estava tranquilo, como ele estava e foi embora. Quando conversou com JHONATHAN, ele não portava nenhum objeto. JHONATHAN aparentava estar tranquilo, estava sem muita conversa, mas normal. Nos churrascos, se reuniam para jogar baralho, e não consumiam bebida alcoólica. No dia fazia frio e JHONATHAN estava apenas de gorro com a blusa de frio, assim que saiu identificou o mesmo de imediato. Conhece JHONATHAN a tempos, foram criados e estudaram juntos. Conhece Alexandre desde a época que ele era casado com a mãe do JHONATHAN. JHONATHAN não falava de assuntos particulares. JHONATHAN sempre foi uma pessoa normal, nunca teve comportamento agressivo com ninguém. JHONATHAN nunca reclamou sobre Alexandre. Não tem conhecimento se na época de escola, Alexandre participava das atividades escolares de JHONATHAN. Tem conhecimento que Miriam e Alexandre tiveram um filho, o Leonardo, mas não sabe de discussão entre eles envolvendo a guarda e pensão alimentícia da criança. Não sabe se Alexandre participa de clube de tiro. Ficou sabendo do acontecido por terceiro, pessoa que nem participava do churrasco, que o ligou perguntando como estava o

Alexandre, informando que ele teria tomado umas machadadas na cabeça. Saiu primeiro do churrasco, e logo depois o Ederson saiu. A distância entre a residência do JHONATHAN e o local dos fatos é por volta de 1 km. Viu JHONATHAN sentado e ele estava a pé. (Link de acesso ao depoimento [“A testemunha comum Miriam Cristina Barbosa Gonçalves, em Juízo, informou ser mãe de JHONATHAN. Relatou que não estava presente no local dos fatos. Estava em uma visita na igreja, e ao chegar em sua casa notou que JHONATHAN não estava presente. Recebeu uma mensagem de JHONATHAN questionando a onde ela estaria, e o informou que tinha acabado de chegar em casa. Com várias ligações perdidas de seu primo no celular, ao retorna-lo, este lhe disse "o JHONATHAN pegou o "Kiko" com um machado", a informou que Alexandre estava no hospital e que o JHONATHAN tinha desaparecido. E então ficou sem notícias do JHONATHAN. A ultima vez que viu o JHONATHAN foi em sua residência, antes de ir à visita, por volta das 21:40h. Deixou o celular em casa, e quando retornou já era mais de meia noite, viu as mensagens de JHONATHAN dizendo "mãe, a onde você tá?" e as ligações de seu primo. JHONATHAN ficou 07 \(sete\) dias desaparecido, e em contato com ela, disse que ele ficou muito nervoso*](https://tjssp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjssp_jus_br/EdBpfKHmpFtOgvDn4SltRx0BF2yKdKiRVBKypJa5Ez2bLQ?nav=eyJyZWZlcjJhbnEluZm8iOmsicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcmI2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcjJhbnFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=icT9bR) ”</i></p></div><div data-bbox=)*

com o que tinha acontecido. Esclareceu que durante toda a infância, JHONATHAN presenciou o que Alexandre fazia com ela, e posteriormente Alexandre tentava atingir o Leonardo. JHONATHAN vias as agressões de Alexandre com ela, e depois com próprio filho Leonardo, ouvia as humilhações, presenciava o Leonardo chegar em casa chorando falando que não queria mais ir para o pai, pois falava mal dela. Na semana antes aos fatos, havia discutido com a atual esposa de Alexandre, pois não aguentava mais eles maltratando o Leonardo, para lhe atingir, inclusive entro com uma ação de alienação parental. Conviveu com Alexandre de 2009 a 2011, e que 15 dias antes do nascimento de Leonardo, Alexandre quebrou tudo em casa e proferiu ameaças de morte a ela. JHONATHAN relatou a ela que não se lembrava de fato o que aconteceu, que não aguentava mais ouvir ela e o Leonardo chorando por conta do Alexandre. Em todo sua infância via ela chorando, e ele não podia fazer nada porque era uma criança, que quando entrava para apartar a briga, Alexandre o empurrava, agora ele teria crescido, vendo Leonardo passando pela mesma situação que passou na infância. Também disse, que só lembrava de estar lá na frente, e quando viu Alexandre, foi para cima dele. Questionou ele sobre o machado, e JHONATHAN não se lembrava de machado nenhum. Seu primo Kleber estava presente no churrasco, ele o ligou e contou o ocorrido. Após o contato com o JHONATHAN ligou para o advogado para se apresentar na delegacia. Não conversou com mais ninguém acerca do episódio, apenas com Kleber e os policiais que foram em sua casa. Encontrou JHONATHAN as margens da rodovia BR-153, em direção a Ocaçu/SP, próximo, a fazenda Montana, onde moravam no passado, mas não tenham mais acesso a propriedade. Quando conviveu

matrimonialmente com Alexandre, era agredida por este, mas não foram noticiados por meio de boletim de ocorrência, pois Alexandre a ameaçava, ficava com medo porque ele portava uma arma, e como ele já quebrava tudo em casa, sabia da capacidade que ele teria. A briga que teve com Alexandre uns dias antes do nascimento de seu filho, especificamente no dia 31/03/2012, começaram a discutir porque Alexandre chegou em casa muito bêbado e alterado, querendo sair, ele bebia e as pessoas notavam que Alexandre usava drogas, então desferiu um tapa em sua cara. JHONATHAN viu a agressão e tentou intervir, sendo empurrado por Alexandre. Na ocasião começou a quebrar tudo e lhe bater, e depois disse "agora eu te mato", indo em direção ao quarto, local este que sabia que tinha uma arma, então pulou o muro e a polícia chegou. Sua mãe foi quem chamou a polícia, pois escutou a gritaria, inclusive foi o único boletim de ocorrência que fez, porque tinha medo. JHONATHAN assistia todos os momentos de agressão que Alexandre praticava. Depois do divórcio, Alexandre visitava Leonardo, mas todas as vezes que ia visita-lo, lhe ofendia, e tudo era presenciado por JHONATHAN. Alexandre sempre buscava Leonardo na porta de sua casa, e acompanhava a entrega, de início ele buscava sozinho, depois que casou com a Mara que começou a ir com ela. As agressões eram proferidas por Alexandre e Mara, era possível ser ouvidas pelos vizinhos. Uma vez, Leonardo chegou chorando da casa do pai, e disse que não aguentava mais Alexandre e Mara falando mal dela, que ao tentar defende-la, bateram nele e trancaram ele no quarto. Então, quando Alexandre foi novamente buscar Leonardo, disse que era para Mara falar tudo que falava para o Leonardo à ela. Então saíram "catando" pneu, foi quando desceu na casa da sogra do Alexandre,

falando para Mara falar o que ela fala para seu filho. Começou a ser xingada, JHONATHAN estava do seu lado, e em nenhum momento JHONATHAN ameaçou ela. JHONATHAN foi diagnosticado com esquizofrenia, ficava muito nervoso, perdia os sentidos, ouvia vozes, via bichos, tinha mania de perseguição. Ficou internado uma semana na ala psiquiátrica do hospital São Francisco, e começou a fazer tratamento psiquiátrico. JHONATHAN tomava medicação, teve tratamento com psicólogo no CAPS infantil, cata-vento. Posteriormente, JHONATHAN começou acompanhamento na Policlínica. Com 16 anos JHONATHAN não quis mais ir ao tratamento, e não aceitava mais a medicação. Por ter presenciado agressões, houve um agravamento no quadro de JHONATHAN, com relatos da psicóloga e desenhos de JHONATHAN relatando isso, que era muito nervoso, que não aguentava mais, e que ela era tudo para ele. No período em que JHONATHAN tomava a medicação era mais tranquilo, e quando parou com os medicamentos teve mudança de comportamento, em uma hora estava muito calmo, e em outra hora muito nervoso. (Link de acesso ao depoimento

https://tjsp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EaapnXO6R45CkaKNo7m1ojwB--N_igoqH4mFQOSED-s56g?nav=eyJyZWZlcnJhbEluZm8iOnsicmVmZXJyYWxBcHAIiOiJPbmVEcmI2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=4IQEcD) ”

“A testemunha de acusação Mara Souza Kato, em Juízo, informou ser casada com Alexandre há 05 (cinco) anos. Conhece JHONATHAN, e

no dia 28/02/2022 foi ameaçada por ele, diante implicância de sua mãe com ela, desde quando começou a se relacionar com Alexandre, com "briguinha boba", nunca achou que iria chegar nesse ponto. Nunca teve nenhum problema com o JHONATHAN. A ameaça foi pessoalmente, Miriam e JHONATHAN foram até a casa de sua mãe, e diante uma discussão, JHONATHAN a ameaçou de morte. Posteriormente estava no complexo de trânsito, e Alexandre estava esperando, quando chegou de volta, seu marido está nervoso, e contou que o JHONATHAN foi lá e ameaçou ele, falou que iria virar finado. Nunca ameaçou JHONATHAN nem a Miriam. Tomou conhecimento da tentativa, quando ele estava no hospital, pois os colegas que estavam no churrasco ligaram para ela, avisando o que tinha acontecido. Não teve contato com o JHONATHAN. Soube por relatos de terceiros, que no mesmo dia do acontecido os policiais foram na casa da mãe do JHONATHAN, Miriam ligou para ele, a qual disse que não era para sua mãe entregar os documentos, e que a próxima seria ela. Não havia tensão entre o relacionamento com Miriam e Alexandre, quando envolve assuntos relacionados ao filho Leonardo. As visitas eram feitas quinzenalmente com normalidade, e metade das férias passava com eles. Alexandre ia até a residência de Miriam busca-lo, e as vezes ia junto. Não presenciou discussão envolvendo a Miriam e o Alexandre na porta da casa, inclusive a discussão de fevereiro, evitou, passou para pegarem o Leonardo, e Miriam bateu no vidro, imaginaram que era confusão e não abriram o vidro, descendo para a casa de sua mãe, mas Miriam foi atrás. A pensão alimentícia foi acordada judicialmente, mas depois entraram em um acordo amigável. Alexandre participa de um clube de tiro em Guaimbê/SP, só andando armado quando vai ao clube. Alexandre já

chegou a comentar que viveu momentos tensos de discussões quanto vivia com a Miriam, e em uma das discussões foi quebrada uma porta de vidro. Alexandre conta que participava na vida de JHONATHAN, fazendo papel de padrasto, tanto que uma vez JHONATHAN pediu para chamar Alexandre de pai, e ele conversou, explicando que não era. Não sabe que JHONATHAN fazia tratamento psiquiátrico. Pouco tempo antes do acontecido, não houve nenhuma discussão com Miriam pelo telefone. Não conversa com a Miriam pelo telefone, as vezes era pelo telefone do Alexandre para discutir, pois Miriam não gostava de deixar Leonardo com ela. (Link de acesso ao depoimento [“A testemunha de defesa Andréia Cristina Peco da Silva, arrolada pela Defesa, em Juízo, informou ser vizinha da avó de JHONATHAN, sendo amigas desde 2005. Não presenciou os fatos. Miriam se mudou, por segurança, para o condomínio a onde mora, e a partir daí começou a ter uma convivência maior com a família de Miriam, já que está precisava trabalhar e ficava com os filhos dela. Nesta data, Miriam não estava com Alexandre, pois a mãe dela a trouxe para morar próximo para ajudar a cuidar das crianças, porque ficou com certo medo, já que era frequente os acontecimentos de brigas e desentendimentos, da parte do Alexandre contra Miriam. Vivenciou em*](https://tjsp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EXD1u7DAjldPgVNGcoJqImsBVQq9ZRRBSQkKvFZ-qVWkcw?nav=eyJyZWZlcnJhbEluZm8iOnsicmVmZXJyYWxBcHAIiOiJPbmVEcmI2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=QZDvYU)”)</i></p></div><div data-bbox=)*

uma época muito conturbada da família, presenciando várias vezes Alexandre chamar JHONATHAN de louco, pedindo para JHONATHAN se afastar dele. Comentava com Miriam sobre esse tratamento de Alexandre com uma criança de 09 (nove) anos, que ele iria acabar desenvolvendo algum problema, já que é psicopedagoga e entende do assunto. Miriam saiu de Nóbrega e foi para o condomínio em razão da separação, e seu filho Leonardo ainda era bebezinho. Nesse período Alexandre ia visitar o Leonardo. JHONATHAN era muito protetor do irmão, sempre estava próximo cuidando do Leonardo, e quando Alexandre ia visitar o filho, achava que JHONATHAN estava perturbando, quando na verdade estava querendo manter a segurança do irmão. A situação se criou em cima dessa perseguição, e essa proteção, JHONATHAN era uma criança muito protetora e ligado a mãe, então quando tem um substituto paterno, acredita que ele se sentia no direito de estar protegendo a mãe, da maneira dele. JHONATHAN contava que Alexandre maltratava, que ele não podia fazer nada, ficava revoltando de como ele xingava, que nem seu irmão gostava do pai, e por segurança dele, da Miriam e do Leonardo, sempre instruía e apaziguava, mas a situação se agravava cada vez mais, e as reclamações do JHONATHAN foram crescendo. JHONATHAN ficava indignado, achava um absurdo com as coisas que Alexandre fazia, porque queria que a mãe dele tomasse uma posição. JHONATHAN teve tratamento, ficou internado no hospital São Francisco na ala psiquiátrica e teve acompanhamento no CAPS. Mantinha contato com JHONATHAN, e não tinha um comportamento nervoso, ele nunca aparentou nada, foi uma coisa fora do comum a atitude que ele teve, era um menino caseiro e muito participativo nas visitas da igreja. Nunca

presenciou uma discussão de Alexandre com a Miriam, quando acontecia de ter uma briga com ele, só ligavam e pediam para socorrer, mas quando chegava lá a briga já tinha acontecido. Miriam dizia que não tomava determinadas atitudes por medo do retorno dele de agressividade. Vê Miriam pelo menos todo final de semana. Tem conhecimento do empasse que Miriam teve com Mara, e ficou sabendo pela mãe da Miriam, que houve um ameaça por parte da esposa do Alexandre para a Miriam, a qual pediu para que desse um conselho a sua filha. A mãe de Miriam não contou que JHONATHAN ameaçou a Mara. Miriam lhe ligou no dia seguinte dos fatos, e pediu para que fosse até sua casa, e lá contou que o JHONATHAN teria agredido Alexandre, mas não te contou detalhes. Posteriormente ficou sabendo como foi a agressão, que tinha sido com machado. Viu o JHONATHAN no dia que ele se apresentou na delegacia, foi até a casa da Miriam e lá orou por ele, JHONATHAN disse que estava arrependido, que deveria ter ouvido a mãe dele, e como tira outros parentes na casa, não dava para ficar conversando com ele, sendo uma coisa muito rápida. (Link de acesso ao depoimento

https://tjsp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EdYsFjfzTX5HpMGUqIWzVH8BuKvoMOnk0LwvNwcPb0ixrQ?nav=eyJyZWZlcnJhbEluZm8iOmsicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcmI2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=XXJ0A2) ”

“A testemunha de defesa Eliana Cristina Yoshima Doretto Prata, arrolada pela Defesa, em Juízo, disse ser vizinha de JHONATHAN há

09 (nove) anos. Quando conheceu Miriam não estava mais com Alexandre, a qual só conhece de vista. Tinha contato com o JHONATHAN e Leonardo, e seus filhos também, estudavam na mesma escola. Já viu o pai de Leonardo indo buscar e levar ele, via uma mulher junto. Ouviu discussões entre Alexandre e Miriam, com uma voz mais alterada e agressiva de um homem, falando que não era mãe suficiente. Nunca tocou no assunto com Miriam sobre as discussões. Assim que mudou para o local, JHONATHAN era mais extrovertido, e ao decorrer de um tempo, percebeu que ele estava mais fechado. Seus filhos nunca a contaram se JHONATHAN comentou se sofria agressões. Não tem conhecimento sobre algum episódio de saúde do JHONATHAN. A criação dos filhos de Miriam é exemplar. Nunca percebeu uma conduta agressiva de JHONATHAN. Tem por volta de uns 02 (dois) ou 03 (três) anos em que ouviu a discussão falando que a Miriam não era boa mãe, e no mesmo ano dos fatos, presenciou uma discussão em que Alexandre saiu com o carro de forma apressada. (Link de acesso ao depoimento [“A testemunha de defesa Jefferson Luis dos Santos Gonçalves, arrolada pela Defesa, em Juízo, informou que foi casado com a Miriam até o período de 2018, e conviveu com JHONATHAN. No período de 04](https://tj-sp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EU14_o3LODtLgaRqwQz6Wd0BfS8YJ3KkibLgyWNRVRri7g?nav=eyJyZWZlcnJhbEluZm8iOnsicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcml2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=0jLrBK)”) ”</p></div><div data-bbox=)

(quatro) anos de convivência, morou no mesmo local em Miriam e o JHONATHAN moram atualmente. Alexandre era bem agressivo com Miriam, várias vezes xingava ela na frente da casa dela ou quando iam na casa de Alexandre buscar Leonardo. A atual esposa do Alexandre várias vezes se envolveu, xingava a Miriam, ameaçava ela e Leonardo, e em um certo dia até tentou a agredir fisicamente. As discussões sempre se tratava por conta do Leonardo, não querer ir para a casa do pai, por vontade dele de não ir, porque ouvia Alexandre ameaçar a mãe, xingar, falar que a mãe não tinha condições de cuidar dele, que a casa em que Miriam vivam era muito simples e quem tinha o dinheiro era ele. Já viu várias vezes Alexandre ameaçar a Miriam de pegar a guarda do Leonardo, colocando que ele teria mais dinheiro para cuidar do menino. Sempre acompanhava Leonardo e JHONATHAN na escola, e ainda considera eles como filhos. Chegou a ficar no hospital quando JHONATHAN foi internado por causa do problema que teve. Acredita que o que levou ele a ser internado foi por muito nervoso que ele passava, já que presenciava as agressões da mãe com o Alexandre. JHONATHAN fez uso de medicamentos, acompanhado de psicólogos pela rede pública. Com o tratamento JHONATHAN ficava mais calmo e agia com mais tranquilidade. Algumas vezes JHONATHAN comentou que não gostava de Alexandre, mas ele era um pouco reservado. Nas discussões que ocorriam Alexandre também era agressivo com JHONATHAN e Leonardo. A fama de Alexandre na cidade é de ser uma pessoa brava e agressivo, sempre escutou que ele andava armado. Sempre acompanhou JHONATHAN nas consultas, e os médicos diziam que ele tinha esquizofrenia, pois ele ouvia vozes e dizia que tinha alguém perseguindo ele. Conviveu com Miriam até 2018, e depois da

data não teve mais contato. Ouvia as ofensas proferidas em face de Miriam, e várias vezes tentava intervir, mas a mesma não deixava. Não tem muita informação essas ofensas foram objetos de boletim de ocorrência. Não tem conhecimento dos fatos que aconteceram 15 dias antes da tentativa de homicídio, onde JHONATHAN ameaçou Mara, atual esposa de Alexandre. Tomou conhecimento da tentativa de homicídio por conversas na cidade, e depois de uns 02 (dois) dias, encontrou Miriam que lhe contou o que tinha acontecido, estava bem abalada e não disse nada sobre o que JHONATHAN teria falado. Alexandre é conhecido em Padre Nóbrega por ser o maioral, ele reside em Marília, mas várias vezes na semana ele está pela cidade. Não conversou com JHONATHAN depois dos fatos. (Link de acesso ao depoimento

https://tjsp-my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EdzJz6VwyDBNu5EDmwaqw6oBx0Th-

IJf9ScX3RT9ash3gg?nav=eyJyZWZlcnJhbEluZm8iOnsicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcmI2ZUZvckJlc2luZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=ImGxYF)”

“A testemunha de defesa Marilda Gomes Ferreira Félix, arrolada pela Defesa, em Juízo, disse que seu ex-marido é tio de Miriam, e tem muita convivência com a família. Alexandre era muito agressivo, ficou indignada quando Miriam estava grávida de quase 09 (nove) meses e teve que pular o muro da casa dela, porque Alexandre pegou uma arma para ela. Quando ficou sabendo do ocorrido foi até a casa de Miriam e conversou com ela, a mesma estava muito abalada, pois não sabia onde

JHONATHAN estava. No dia em que Miriam teve que pular o muro grávida, esteve logo após dentro na residência, e parecia que tinha passado um furacão, as coisas estavam quebradas e caídas, todos os utensílios de cozinha estavam no chão. Sempre ficou sabendo de murmuros pela cidade que Alexandre batia em Miriam. Alexandre tinha fama de briguento na cidade. Depois que Miriam e Alexandre se separaram ficou sabendo que ele ameaçou tomar a guarda do Leonardo. Quando foi ver Miriam depois do que JHONATHAN fez, perguntou o que tinha acontecido, e ela disse que não sabia, pois cada um fala uma coisa, não sabendo o real motivo da história, e que não sabia nem onde JHONATHAN estava. Tem conhecimento que JHONATHAN ficou internado um tempo no São Francisco, pois estava falando que tinha pessoas perseguindo ele, estava nervoso e irritado. Depois da internação ele fazia tratamento no CAPS, na área de psicologia, fazendo o tratamento durante um bom tempo. Durante esse tempo sempre via JHONATHAN na rua, e não percebeu uma atitude diferente dele, sempre calmo, tranquilo e "bonzinho". No episódio em que Alexandre quebrou toda a casa, quando chegou a residência, Alexandre já não estava lá, e presenciou a casa toda quebrada. Escutou a Miriam dizendo para o policial que Alexandre teria quebrado toda a casa, e o JHONATHAN presenciou o fato. Posteriormente, a esse episódio não conversou com Alexandre, pois não queria contato. Não ficou sabendo do motivo em que levou esse desentendimento entre JHONATHAN e Alexandre, nem se houve um desentendimento recente entre eles, ou entre Miriam e Alexandre. Não sabe o período certo de internação do JHONATHAN, por volta de 20 (vinte) dias, menos de 01 (um) mês. (Link de acesso ao depoimento <https://tjssp->

my.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/EcvI9KRrk0VEoMQf0s546qUBAzEzyKrljYatHRJ6xkDEEw?nav=eyJyZWZlcnJhbEluZm8iOnsicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcml2ZUZvckJlcnluZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcnJhbFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=QNiQP2)”

“O réu JHONATHAN GABRIÉL BARBOSA GOMES, interrogado em Juízo disse que para entender o que aconteceu naquele dia, pode explicar desde sua infância. Quando tinha 08 (oito) anos de idade sua mãe conheceu Alexandre, no começo era "mil maravilhas", mas Alexandre começou a beber compulsivamente, chegava em casa agredindo sua mãe e a humilhando, por vezes quebrava coisas em casa. Quando via sua mãe sendo agredida, tentava separar e ele o empurrava e o ameaçava, não pedia ajuda para ninguém porque ele o ameaçava e a ameaçava sua mãe, falando que se chamasse alguém ele iria matar sua mãe. Na situação de filho tentava defender, mas a desproporção física entre eles era grande, pois ainda era uma criança. Virou rotina Alexandre chegar em casa bêbado. Antes de seu irmão nascer, Alexandre chegou em casa fora do normal, agrediu muito sua mãe, e vendo aquela situação, foi tentar mais uma vez separar e defender sua mãe, pois não aguentava mais ver ela apanhar, ele o empurrou e gritou o ameaçando novamente. Foi quando Alexandre pegou uma arma que tinha dentro de casa, onde já viu essa arma dentro da sua residência, e ele tentou matar sua mãe, que conseguiu correr e pular o muro. Ficou escondido dentro do quarto, pois estava com medo, achou que tinha perdido sua mãe. No dia, Alexandre quebrou tudo em casa, quebrou os

armários e rasgou pacotes de alimentos, e os vizinhos viram que a situação estava fora do normal. Não é de hoje que Alexandre atormenta, persegue sua mãe e o ameaça, sua vida inteira foi ele atormentando sua mãe, e tendo que sofrer calado, pois se falasse alguma coisa, iria colocar sua vida e a vida de sua mãe em risco. Depois de um tempo, Alexandre conheceu sua atual esposa, a Mara, e quando seu irmão ia aos finais de semana para a casa de Alexandre, ele juntamente com a mulher, maltratava sua mãe verbalmente para seu irmão, xingava sua mãe, e seu irmão chegava em casa desesperado. Percebia que seu irmão estava abatido, depois de muito insistir, seu irmão contava que Alexandre humilhava Miriam, falando que ela era pobre, que não tem condições de dar uma vida boa para eles. Sua mãe sempre o acalmou para não arrumar confusão, e nunca quis conversar com ele para evitar confusão, já que sabia do jeito agressivo dele. Uns dias anterior do fato, Alexandre foi na porta de sua casa para matar sua mãe, pois ele sempre andava armado, foi junto de sua mulher e quando viram que estavam sendo observados pelos vizinhos, entraram dentro do carro e saíram. Estava no complexo de trânsito e ao chegar em casa, viu sua mãe em pânico, e ela disse que não aguentava mais tanta perseguição e tormenta de uma pessoa que não estava mais com ela, vendo sua mãe daquele jeito, não teve uma reação. Sua mãe sempre foi uma pessoa pacificadora, evitava que ele tomasse alguma atitude de ir conversar com Alexandre, pois ela também sabia do jeito que Alexandre era. Carregou com ele esse trauma, tanto que precisou fazer acompanhamento psiquiátrico, ficou internado no hospital São Francisco, tomou remédios. Confessa que quando tomava os medicamentos corretamente, era uma pessoa mais tranquila, mas nunca

esqueceu o que ele fazia para sua mãe. Estava há 03 (três) anos sem tomar o medicamento, por opção própria não quis continuar o tratamento. No dia dos fatos, horas antes estava voltando de seu serviço, passou por Alexandre em uma avenida, que ao atravessar a rua de encontro a casa em que ele ia, Alexandre ao visualiza-lo, levantou a blusa, e viu a arma que ele portava na cintura, uma 09 milímetro, preta. Alexandre sempre andava armado, e sempre estabeleceu isso para eles, desde quando tinha 08 (oito) anos, e era um dos motivos por ele e sua mãe, terem medo dele. Ao chegar em casa, por volta das 20h, 20:30h, sua mãe estava novamente chorando por conta dele, pois estava em ligação com Alexandre juntamente com a esposa dele, escutou as ofensas e xingamentos contra sua mãe. Naquele dia, foi conversar com Alexandre para perguntar o motivo da perseguição e o porquê da tormenta contra sua família. Ficou sentando esperando Alexandre com medo, pensando o que iria falar para ele, pois sabia do modo agressivo de Alexandre e que tinha visto que estava em posse de uma arma. Alexandre quando foi conversar com ele, foi o xingando "o que você está fazendo aqui seu moleque, seu pilantra, você não presta igual a vagabunda da sua mãe". Naquele momento, passou um filme em sua cabeça de todos esses anos que viu sua mãe sofrer, e sofrendo calado, sendo obrigado a ficar quieto, pois se pedisse ajuda para alguém Alexandre iria mata-la, e até ele mesmo. Então na lembrança o que aconteceu, só lembra que foi para cima dele, dando um monte de socos, e Alexandre ao cair no chão, pegou um machado para lhe bater tentou lhe acertar, mas desviou e conseguiu segurar o machado, soltando no chão e foi na luta corporal com ele, porque não tinha a intenção de matar ele, nunca foi de briga. Quando viu Alexandre no portão, ele já

foi lhe ofendendo, e não estava com o machado em mãos. Quando começou a lutar com ele de soco, Alexandre caiu no chão e pegou o machado que estava no canto da casa, quando foi tentar erguer o machado, conseguiu segurar as mãos de Alexandre, jogar o machado de lado e continuou batendo nele de soco. Viu que as pessoas estavam vindo em sua direção, se deu conta do que estava fazendo, se levantou e correu. Nunca foi de briga, naquele dia perdeu a cabeça de tantos anos tentando ir conversar com Alexandre, e sua reação ao ver a multidão vindo, e estava batendo em cima dele, foi de sair correndo com medo de voltar para sua casa. Mandou mensagem perguntando para sua mãe onde ela estava, e mandando ela tomar cuidado. Ficou com medo de Alexandre ir atrás dele, pois quando saiu correndo, estava o pessoal dele e Alexandre com o machado em mãos. Em nenhum momento teve a intenção de matar ele. Já chegou a conversar com sua mãe para abrir um boletim de ocorrência contra Alexandre, mas conhecem ele de anos, sabem da intenção e agressividade dele, tinham medo do que poderia acontecer com eles. No dia do ocorrido, por volta das 20h viu Alexandre indo para a casa onde jogava baralho, nisso, ergueu a camiseta e mostrou a arma para ele, e disse uma gíria "eu não estou a pé", que significa que ele estava armado. Foi embora e mais uma vez tentou ignorar, e ao chegar em casa, se deparou com sua mãe chorando em uma ligação, que quando colocou no viva voz era a voz do Alexandre a ofendendo, e ao ver sua mãe chorar, tomou suas dores. Retornou para a casa onde Alexandre estava jogando baralho por volta das 21h, e ficou lá na frente da casa esperando ele até o horário da agressão, pensando o que iria conversar com ele, para chegar em uma situação pacífica. Enquanto aguardava, conversou com José Carlos, pois estava perto da

moto dele, mas só se cumprimentaram, e também conversou com "Edinho", que perguntou o que estava fazendo ali, pois realmente não sai de casa, e respondeu que estava de boa pensando. Ederson virou as costas e disse "falou japa", nisso viu que era Alexandre, que já veio o xingando, e então perdeu a cabeça, partindo para cima dele. Conversou cerca de 02 (dois) a 03 (três) minutos com Ederson até Alexandre chegar. Alexandre ao vir ao portão o xingando, não sacou a arma, e durante o confronto físico não notou a arma, como viu ele com a arma por volta das 20h, possivelmente ele deve ter guardado a arma dentro do carro, então ao agredir Alexandre, não se recorda de ver arma nenhuma nas mãos dele. Na unidade prisional não voltou a tomar os medicamentos. Na prisão se recordou dos fatos. Foi internado no São Francisco em de 2013 para 2014, com aproximadamente 12 anos. Anteriormente fazia acompanhamento no hospital das clínicas com médicos e psicólogos, onde se iniciou o tratamento com medicamentos. Antes de fazer o tratamento sentia que era perseguido, que tinha alguém o perseguindo, que tinha alguém que a qualquer hora iria pegar ele e sua mãe, também escutava vozes. Depois da internação fez tratamento multidisciplinar, com pedagogas, psiquiatras e psicólogas, através do CAPS. Reconhece cartas que foram redigidas na escola. A paralisação do tratamento foi uma decisão sua, e com o abandono do tratamento teve prejuízo emocional de desequilíbrio. Está apto a retornar o tratamento, pois as consequências que lhe trouxe a negação do tratamento, não foram boas. No dia dos fatos, escutou Alexandre pelo telefone dizendo que sua mãe era uma prostituta, lazarenta, ordinária, que não servia para nada, que era imprestável, que era uma mulher que não tinha condição nenhuma de dar uma vida digna para seu irmão,

que não prestavam, falando isso para sua mãe e seu irmão escutar. Sempre criou Leonardo, levava na escola, ensinou a jogar bola, ensinou a ler, a escrever, sempre estava presente. Leonardo não se abria muito com sua mãe, mas tinha confiança em se abrir com ele, e quando Leonardo voltava reclamando da casa de Alexandre, passava um filme na sua cabeça, pois já passou pela mesma situação. Informou ter o ensino médio completo. Recebia mensalmente cerca de R\$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais), 1.600,00 (mil e seiscentos reais). Era instalador de painel solar da empresa LP Solar. Ressalta estar arrependido, pois fez algo para sua mãe parar de chorar, e pela situação ela chorou mais ainda. No dia do ocorrido, não disse para sua mãe que teria visto Alexandre lhe mostrando a arma, porque ela já estava em pânico chorando, se falasse o que aconteceu, iria piorar a situação em que ela se encontrava. Acredita que as falas de Alexandre foram gravadas, pois sua mãe tem os áudios dos xingamentos e das ameaças. Tem áudios gravados anteriores à ligação, pois era frequente, e no dia dos fatos era uma ligação ao vivo, que ela colocou no viva-voz. Tomou as dores de sua mãe, se viu em uma situação de proteção de sua mãe e de seu irmão, ao ouvir Alexandre na ligação, ficou alterado em ver a mãe chorando por ele. Quando foi ver Alexandre, foi na intenção de conversar, colocou a cabeça no lugar, e pediu para Deus lhe dar as palavras certas, mas ao ver ele mais uma vez lhe xingando e xingando sua mãe, passou um filme em sua cabeça de todos os anos. A distância de sua casa até a casa que aconteceu o ocorrido, da cerca de 1 km, se deslocou a pé e nesses percurso foi onde esfriou sua cabeça. A luta corporal iniciou do portão para dentro da casa, e inicialmente desferiu golpe de soco nele, bateu nele que tonteou e caiu no chão, que já passou a mão

*no machado para lhe bater. O machado estava dentro da casa, no canto da parede. Mesmo não tomando os medicamentos não teve nenhum desentendimento com ninguém, não era de confusão, apenas trabalhava e ia para a igreja. Com os medicamentos sentia que ficava mais calmo, mas mesmo sem eles, nunca brigou com ninguém por conta disso. (Link de acesso ao interrogatório [Como se vê, ainda que alegando excludente de ilicitude \(legítima defesa\), o acusado confessou ter agredido a vítima. O ofendido, de seu turno, confirmou que o réu investiu contra a sua pessoa na posse de um machado, golpeando-o, o que foi corroborado, em especial, pelo relato das testemunhas *Ederson* e *Raphael*, que estavam presentes no momento dos fatos.](https://tjspmy.sharepoint.com/:v:/g/personal/lasperti_tjsp_jus_br/ESgfgHUjDAPkHtSxNaxjw0B2RQCzH9E8KR2BoEoLnJrWw?nav=eyJyZWZlcjJhbnEluZm8iOncicmVmZXJyYWxBcHAIoiJPbmVEcmI2ZUZvckJlcnIuZXNzIiwicmVmZXJyYWxBcHBQbGF0Zm9ybSI6IldlYiIsInJlZmVycmFsTW9kZSI6InZpZXciLCJyZWZlcjJhbnFZpZXciOiJNeUZpbGVzTGlua0NvcHkifX0&e=wzcJMs).”</i></p></div><div data-bbox=)*

Importante pontuar que o pedido de absolvição defensivo foi lançado de modo genérico nas razões recursais, não sendo expostos os motivos que conduziram a conclusão diversa da adotada na r. sentença. Nada obstante, diante da farta prova oral e material colhidas, conforme bem fundamentou o Magistrado de primeira instância, não seria o caso de absolvição sumária por não constituir o fato infração penal (artigo 415, inciso III, do Código de Processo Penal).

Quanto à semi-imputabilidade do acusado, segundo a conclusão do laudo pericial de fls. 439/451, que o réu “*apresenta quadro psiquiátrico compatível com Transtorno Psicótico – F29 (CID-10); Capacidade de entendimento parcialmente comprometida; Capacidade de determinação parcialmente comprometida; Semi-imputável; Recomenda-se tratamento em regime de internação por período mínimo de 2 anos.*” (original sem grifo)

Em resposta ao quesito nº 4 (“*Reconhecida a semi-imputabilidade, há necessidade de substituição da pena corporal por medida de segurança (internação ou tratamento ambulatorial)? Em caso positivo, qual o prazo mínimo recomendado da internação ou tratamento ambulatorial?*”), novamente os peritos confirmaram que seria necessária a substituição da pena por medida de segurança de internação, pelo prazo mínimo de 02 (dois) anos.

Ainda, em resposta ao quesito nº 12, no sentido de que qual medida de segurança era necessária considerando a periculosidade do acusado, constou “*internação, pela extensão das alterações atuais do estado mental, e perfeito nexo causal entre as continuadas manifestações psicopatológicas propiciadas pela interrupção do tratamento psicofarmacológico e o fato imputado.*”

Conforme o disposto nos artigos 26, parágrafo único, e 98, ambos do Código Penal, a pessoa que não é inteiramente capaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento, necessitando de especial tratamento curativo, como é o

caso do réu, pode ter a pena privativa de liberdade substituída por medida de segurança, na modalidades de internação ou de tratamento ambulatorial.

No caso em análise, o Juízo de origem aplicou a medida segurança consistente em internação, pelo prazo mínimo de 03 (três) anos, nos termos do artigo 26, parágrafo único, artigo 97, §1º, e artigo 98, todos do Código Penal. Conquanto adequada a espécie de medida de segurança adotada pelo Juízo *a quo*, quanto ao período a r. sentença merece alteração, porque o prazo mínimo recomendado pelo perito, Dr. Lúcio Marcelo Salvarani Junior foi de 02 (dois) anos, como acima já anunciado. Por outro lado, não há na r. sentença fundamentação para a fixação do prazo máximo previsto no artigo 98 do Código Penal. Por essa razão, com base na recomendação pericial, estabeleço o **período mínimo de internação de 02 (dois) anos.**

Ademais, pese seja admissível pela jurisprudência a determinação de tratamento ambulatorial em crimes punidos com reclusão, a despeito do disposto no Código Penal, essa possibilidade exige, em primeiro lugar, a menor gravidade da infração penal cometida e, nesse aspecto, observa-se que o réu tentou matar a vítima atingindo-a com golpes de machado, tendo sido reconhecida na sentença a existência e a autoria de um crime de homicídio duplamente qualificado tentado. Em segundo lugar, a submissão do réu a tratamento ambulatorial deve ser recomendada no laudo de exame psiquiátrico, o que não se verificou no caso examinado. Ao contrário, o *expert* expressa e claramente recomendou o tratamento em regime de internação, no prazo mínimo de

dois anos. Assim, adequada a internação em estabelecimento hospitalar adequado.

Ante o exposto, **DÁ-SE PARCIAL PROVIMENTO** ao recurso interposto por **Jhonathan Gabriel Barbosa Gomes** exclusivamente a fim de reduzir o **período mínimo de internação para 02 (dois) anos**, mantendo-se, no mais, a r. Sentença.

LUIZ FERNANDO VAGGIONE
Relator